

A ORIGEM E A PERMANÊNCIA DO CONFLITO ISRAEL-PALESTINA

Heitor Saraiva de Sousa Soares¹

Amanda Fernandes Leal²

RESUMO

O objetivo deste resumo expandido é analisar o conflito entre Israel e Palestina, abordando a origem histórica dos países que movem um dos mais prolongados conflitos pós primeira guerra. Entender os movimentos geopolíticos de ambos os países e dos países que compõem a unificação dos países até os dias atuais. Entender o nascimento, desenvolvimento dos mesmos, a ligação histórica desde o seu primeiro conflito antes mesmo de serem chamados de Israel e Palestina. Assim, futuramente aprofundar esse conflito que influencia todo o ocidente e oriente e que perdura até os dias de hoje.

INTRODUÇÃO

Perante ao resumo, o objetivo deste trabalho não é trazer uma crucificação para os países citados durante o projeto, mas orientar e compreender porque o sistema internacional foi ineficiente na criação mansa e pacífica dos dois estados e na eficiência de uma catástrofe global que perdura até os dias atuais.

"Caro Lorde Rothschild, alegro-me em poder comunicar-lhe, em nome do governo de Sua Majestade, a seguinte declaração de simpatia pelo movimento judaico-sionista, apresentada e aprovada pelo gabinete oficial: A construção de uma pátria para os judeus na Palestina é vista pelo governo de Sua Majestade com bons olhos. Sua Majestade fará tudo o que for de seu alcance para facilitar os caminhos rumo a esse objetivo. Deve-se ressaltar, no entanto, que nada deve ser feito no sentido de prejudicar os direitos civis e religiosos dos povos não judeus que vivem na Palestina, ou de prejudicar os direitos e a situação política de judeus em algum outro país." (Peter Philipp, 2014) Esta carta foi assinada pelo ministro britânico de relações exteriores, Sr. Arthur James Batfour em 2 de novembro de 1917, um dos precursores do movimento sionista no Reino Unido e que apoiou a atuação da OSM -Organização Sionista Mundial- com um viés político e estratégico para a busca de um lar para os judeus pós primeira guerra, acreditava-se na hipótese de transformar as terras argentinas ou de Uganda no território judeu, porém, a Palestina foi vista como o centro das atenções onde os representantes da comunidade judaica começaram a comprar terras e a estabelecer-se sendo 15% da população da Palestina. O intuito da Corte Inglesa com a criação do Estado judaico era uma estratégia geopolítica perante a eclosão da primeira guerra mundial, trazendo um forte aliado contra o Império Otomano - Atual Turquia capital do

¹ Acadêmico do curso de Bacharelado em Direito, Centro Universitário Uninovafapi-Afya.

² Docente do curso de Bacharelado em Direito, Centro Universitário Uninovafapi-Afya.

império, Grécia, Bulgária, Romênia, Sérvia, Hungria, Bósnia e Herzegovina, Croácia, Montenegro, Albânia, Macedônia do Norte, Chipre e parte da Rússia e Ucrânia pelo lado Europeu, no Oriente Médio, Síria, Iraque, Líbano, Israel e Palestina, Jordânia, Kuwait, Partes da Arábia Saudita e Iêmen e no norte da África Egito, Líbia, Tunísia, Argélia e partes do Sudão e Eritreia compõem o Império Otomano- situação que foi positiva para a Corte Inglesa onde a inevitável queda do império perante as crises políticas de amor e ódio ao seu principal aliado, Alemanha, trouxeram caos internamente e externamente que foi crucial para a vitória Inglaterra e a Rússia que faziam contra pontos ideológicos e políticos da tríplice aliança. Essa vitória contra o Império Otomomano foi de exímia importância para a OSM, pois, graças a desgraça do Império Otomano surge o caminho prometido para as terras férteis e abençoadas pelo Sr. Arthur James Balfour para os judeus que já moram aos arredores da Palestina e que moravam no Reino Unido.

ISRAEL

Os judeus são originários de Israel berço de sua identidade, língua, religião e cultura, sendo descendentes dos semitas, filhos de Noé, que sucessivamente originou Abraão, por sua vez, veio ao mundo os seus dois filhos Isaac e Ismail. Ambos criaram suas próprias tribos, a de Isaac sendo criada os hebreus e Ismail originou filisteus, durante longos anos de conflitos e busca de uma melhor qualidade de vida, devido à agressiva escassez que perdurava a atual Iraque, ambas as tribos migraram em direção ao Ocidente. Os hebreus acabaram se integrando ao Egito no qual o sonho de Isaac, por melhoria na qualidade de vida, foi esmagado pelo reino egípcio que enxergou os hebreus como mão de obra escrava. Por volta de 1.500 a.c, iniciou o projeto de retorno para a terra prometida (Canaã) liderado por Moisés e posteriormente finalizado por José, os judeus que chegaram após a conclusão da árdua caminhada para a terra prometida não foram bem recebidos pelos nativos que habitavam o recinto, após bravas batalhas travadas pelos povos nativos, incluindo os filisteus, em 1.000 a 900 a.c na ascensão dos povos hebreus com auxílio aos heróis bíblicos -Saul, Davi e Salomão- foi consolidada o reino de Israel com o primeiro templo em Jerusalém se tornando uma das maiores potências do Oriente Médio na época.

Após 40 longevos anos de duração do império de Salomão, Salomão acaba falecendo e consequentemente enfraquecendo o império que se dividiu em dois - reino do Norte (Israel) e do Sul (Judá) - com a divisão do reino, ambos foram invadidos pelos assírios que tomou posse de Israel ou reino do norte e os babilônios conquistaram Judá ou reino do sul. Perante as novas investidas da Babilônia ao reino do norte com o intuito de conquistar Jerusalém, acabou sendo efetivadas e com isso, grande parte dos judeus foi para o cativeiro na Babilônia,

sendo novamente feitos de escravos. Desde tempos muito antigos, países do Oriente e Ocidente disputaram pela posse de Jerusalém pela grande rota comercial de grande interesse pelos comerciantes e mercenários da época, rotas de grande importâncias disputadas até os dias atuais, trazendo interesses de muitas pessoas que se aventuravam pelo “desconhecido” e pelos imperadores da época, assim, uma diversidade cultural foi instaurada principalmente pela influência do reino Bizantino e o império romano trazendo o cristianismo para o Oriente(países que faziam partes dos impérios Irã, Síria Egito, Palestina e Israel) tornando-se o berço de duas religiões monoteísta. (CABRITA,2024)

Com as fortes repressões ao judaísmo e com o crescimento do cristianismo no império, na cidade de Meca surge o Islamismo dando o início as primeiras disputas religiosas na região, principalmente pelo tamanho crescimento do Islã e as ondas de migrações dos muçulmanos para Palestina, Asia e África. Em 638, os árabes apoderam-se de Jerusalém e criaram no Monte do Templo, a mesquita Al-Aqsa, terceiro lugar sagrado para o Islã, depois de Meca e Medina (CABRITA,2024) desde então a batalha religiosa na região passou a ser travada entre cristãos e muçulmanos sem o envolvimento dos judeus na região, onde foi conhecido a épocas das cruzadas que perdurou até 1516 no qual o intuito principal era manter a posse de Jerusalém e a Palestina, após as cruzadas o surgimento do Império Otomano tomou conta até 1918, quando os ingleses com o apoio dos judeus tomaram posse das terras derrotando o Império Otomano e iniciando a sionismo.

PALESTINA

Diante ao breve resumo sobre o povo israelita, percebe-se uma ligação direta com a história do povo palestino ou do povo filisteu, ao contrário dos hebreus que necessitaram da marcha para a terra prometida os filisteus sempre ultizaram a Cisjordania e Palestina como sua casa natal. E essa ideologia é imposta em 1516 quando o Império Turco-Otomano expulsou o povo que habitava aquele território, os Mamlûk, na Batalha de MarjDâbiq, assim, a palestina foi atribuída o Império Otomano por 400 anos deixando para a população palestina a maior herança para um povo que viveu na mitigação dos impérios que controlavam as terras nativas dos palestinos. O direito de propriedade sobre a propriedade do solo, direito adquirido pelos Palestinos e países representantes do Império Otomano, e países que copiaram essa ideologia que surte efeitos até os dias atuais em relação à Lei da Terra de 1858. O instituto desta lei criada em 1840 era encorajar o desenvolvimento da propriedade privada, crescimento da população por região, efetivar a agricultura, desintegração tribal e o enriquecimento das famílias eminentes. Sendo dividido em 5 classificações: Mulk, propriedade livre; Miri, terra estatal em regime de concessão; Waaf, terras de fundações de caridades; Metruka, terras para

viés público; Mevat, terras sem fins produtivos (COSTA ,2015). Muitas dessas terras eram “doadas” para a população como uma moeda de troca utilizando o sistema de timar -concessão de terras em troca de serviço militar- incentivando a lealdade aos otomanos.

Consoante a isto, na população Palestina, era etnicamente e religiosamente distinta composta por mulçumanos, cristãos ortodoxos, cristãos armênios, judeus e outras minorias que compõem a antiga Palestina, pressupondo uma política de tolerância religiosa que permite uma autonomia política, religiosa, cultural e econômica da região, conhecida como sistema miller, e consequentemente trazendo próspero crescimento das cidades de Jerusalém, Hebron, Jaffa e Gaza (JUNIOR, 2024). Diante ao grande crescimento das cidades que compõem ou faziam parte da Palestina, no início do séc. XX, o renascimento da população árabe impactada por toda Palestina e Império Otomano nas oportunidades de emprego e conquistando prateleiras importantes no parlamento do império, causando as primeiras ideologias nacionalistas e antissionismo que se propagaram antes do surgimento Primeira Guerra Mundial. O intuito era anular à imigração judia e à compra de terra dos sionistas, acompanhando os crescimentos da população palestina chegando a 690.000 habitantes nas 19 colônias palestinas com a maioria absoluta de mulçumanos -sendo 535.000- e apenas 85.000 judeus. (COSTA ,2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância histórica dos dois países retrata diretamente os conflitos que infligem até os dias atuais, no meio ideológico, político e religioso desde os hebreus e filisteus, trazendo uma carga de intolerância antes mesmo de serem os países que conhecemos atualmente. Podemos compreender pelo meio histórico a desunião no fator político e religioso, principais fatores desse conflito, ferindo diretamente os direitos e tratados internacionais a exemplo de Israel não apenas promovendo uma ideologia ofensiva e de segregação racial contra os palestinos e todo o oriente, como também despreza a lei internacional referente à ocupação de territórios.

Perante o Direito Internacional, não possui o poder absoluto para inibir ou prevenir guerras, porém, é o principal meio de regularizar a ODS 16, minimizar as ações ostensivas dos seres humanos, deixando menos onerosas para quem vivencia o caos diretamente. Atualmente, vivenciamos uma tensão geopolítica causadas diretamente pelas escolhas históricas do passado, incluindo a era dos hebreus e filisteus, da resolução 181 do Acordo de Oslo, os erros diplomáticos da ONU e a maneira agressiva de minar a criação do estado da Palestina demasiado em 1994 pelo estado de Israel, onde é improvável futuramente vivenciar o término de um conflito que perdura séculos.

Assim, é de suma importância a amenização dos conflitos o respeito às leis internacionais e ao direito humanos que são infringidos e futuramente de maneira positiva, extinguir a política de transferência de civis para os territórios ocupados cumprindo com o acordo de maneira mansa, pacífica e justa para ambos os países.

BIBLIOGRAFIA:

1. BERTONHA, João Fabio. O Império otomano e a Primeira Guerra Mundial. Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Historia. Publicação: 11 Jan 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/5SpRDW4Y35npcyQSgPB5rjJ/?lang=pt>. Acesso em: 04 de Julh de 2026
2. CABRITO, Leonardo Barbosa. A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL: Uma visão geopolítica. Portal de Periódicos da Marinha. Publicação 2024. Disponível em: Fonte: Portal de Periódicos da Marinha <https://share.google/HyIgsou326j0NvY9X>. Acesso em: 30 de Agost de 2026
3. COSTA, Luisa Scarpelli. A COLONIZAÇÃO DA PALESTINA: VIOLAÇÃO AO DIREITO A TERRA E À AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS. Revista de Estudos Jurídicos do UNI-RN. Publicação Agos 2015. Disponível em: <https://share.google/J0IQi5YgpXF0xqFbF>. Acesso em: 30 de Agost de 2026
4. Ghivelder, Zevi. Declaração Balfour - o centenário de um marco. Morashá. Publicação: Set 2017. Disponível em: <https://www.morasha.com.br/historia-de-israel/declaracao-balfour-o-centenario-de-um-marco.html>. Acesso em: 04 de Julh de 2026
5. Junior, Wilson Garcia Perreira. ISRAEL E PALESTINA: CONTEXTO HISTÓRICO E UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA BÍBLICA E OS CAMINHOS PARA A PAZ. Revista Aracê. Publicação: 31 de Set 2024. Disponível em: <https://share.google/XjWbgYHKecmBytp50>. Acesso em: 30 de Agost 2026
6. Phillipe, Peter. 1917: Apoio britânico ao movimento sionista. Dw. Publicação: 02 Nov de 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1917-apoio-brit%C3%A2nico-ao-movimento-sionista/a-365813>. Acesso em: 04 de Julh de 2026